



Covid-19: o isolamento social indiscriminado/lockdown foi um grave erro ?

Maria Gabriela Fernandes de Souza^a, Robson Fernandes de Farias^b

^a*Universidade Potiguar (UnP), Av. Salgado Filho 1610, 59078-970, Natal-RN. mariia.gabii12@gmail.com*

^b*Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Cx. Postal 1524, 59078-970, Natal-RN. robdefarias@yahoo.com.br*

Abstract In the present work, it is argued, based on articles from recent literature, as well as on a document signed by several doctors and world-renowned researchers, that the severe, indiscriminate / isolation / social lockdown promoted in several countries of the world (including Brazil), was a serious mistake, since it ended up promoting deaths or severe damage to the health of people with other diseases (cancer, heart problems), etc., in addition to leading to an increase in cases of depression, etc. Isolating only people from the risk group (the elderly and those with comorbidities) would have been the correct attitude. Studies from the University of Edinburgh [5] and the Federal University of Pernambuco (Brazil) [8] show that social isolation can, in fact, increase the number of deaths from Covid-19.

Keywords: Covid-19, Brazil, lockdown, serious mistake.

INTRODUÇÃO

De acordo com dados da Johns Hopkins University & Medicine [1] o primeiro caso de Covid-19 registrado no Brasil ocorreu em 25/02/2020 (lembramos que Covid-19 é o nome dado à doença, causada, por sua vez, pelo vírus “de nome” SARS-CoV-2).

Em artigo anterior [2], apontamos como a desinformação, bem como a manipulação política da pandemia, implica num desnecessário estado de angústia, e mesmo histeria, por parte da população. Em outro artigo, apontamos, ainda, como o uso de mascaras (por todas as pessoas e de forma obrigatória em locais públicos) era de eficácia, no mínimo, duvidosa [3].

No presente artigo, teceremos considerações e faremos breve análise sobre aquilo que muitos já

desconfiavam e apontavam desde o início: o isolamento social geral, indiscriminado, lockdown, ou qual o nome queira-se dar à prática adotada em vários países, parece efetivamente ter sido um grave erro, causando, ao final, mais prejuízos e mortes do que haveriam, caso tais medidas não houvessem sido adotadas.

ISOLAMENTO SOCIAL (OU LOCKDOWN): UM GRAVE ERRO ?

No Brasil, assim como em outros países do mundo, o isolamento social foi imposto a todos pelas autoridades (no caso do Brasil, por prefeitos e governadores estaduais). Durante meses, a maior parte do comércio foi proibido de abrir, escolas ficaram proibidas de funcionar, etc., tudo em nome da manutenção da saúde, da diminuição da propagação da Covid-19, etc.

No Brasil, especificamente, tanto prefeitos quanto governadores aproveitaram para revelar suas tendências ditatoriais/autoritárias, com cenas lastimáveis de cidadãos de bem sendo presos, agredidos pelas autoridades policiais, etc., pelo simples fato de estarem sentados num banco de parque ou a caminhar na praia. Isso sem falar, é claro, nos inúmeros casos de desvios das verbas federais destinadas ao combate da pandemia, etc.

Não por acaso, os prefeitos e governadores brasileiros preferiram falar em “isolamento social” e não lockdown (que foi o que efetivamente aconteceu) pois a Organização Mundial de Saúde (OMS) manifestou-se contra o lockdown, mas os prefeitos e governadores afirmavam que estavam procedendo seguindo recomendação da OMS...

Mas, ficando apenas com os aspectos/consequências, médicas, epidemiológicas dessa medida (isolamento social severo, lockdown, etc.), ela foi acertada? Muitos desconfiavam e apregoavam que não (muito embora fossem vozes dissonantes em meio ao interesse político que logo mascarou as ações governamentais, etc.). O erro do isolamento social foi agora demonstrado.

Antes de entrarmos na discussão dos trabalhos que aqui iremos citar, lembremos que, de toda sorte, em se tratando de isolamento social indiscriminado (para todos, como foi o caso), lockdown, etc., há que considerar-se, por exemplo, as mortes causadas por câncer e doenças cardíacas, em função do número de pessoas que não puderam, em tempo hábil, procurar a rede médica para os exames e tratamentos necessários, o aumento do número de casos de depressão, suicídio, etc., de forma que “na soma”, o isolamento social severo traria, previsivelmente, mais mal do que bem (tudo somado, não haver isolamento social seria menos prejudicial). E veja que estamos a falar de questões de saúde, de um ponto de vista estrito. Não podemos esquecer, contudo, os severos danos à economia, educação, etc.

Começemos com uma matéria jornalística (mas que notícia manifestação das mais sérias por parte de volumoso grupo de cientistas de alto gabarito): “Mais de 6.000 cientistas defendem que jovens ‘retomem vida normal’ - Carta afirma que estratégia de imunidade de rebanho é melhor que confinamento [4]. A fim de não nos alongarmos, fiquemos com um resumo da referida matéria.

A matéria faz referência à carta assinada por mais de 6.400 pesquisadores e médicos renomados, dentre eles Martin Kuldorff (professor de Medicina da Universidade de Harvard), Jay Batthacharya (professor de medicina na Stanford University) e Sunetra Gupta (epidemiologista na Universidade de Oxford). Logo, não se trata de mera “carta aberta” ao mundo ou mero “abaixo assinado”, mas de documento sério, assinado por mais de 6.400 médicos e pesquisadores de alto gabarito.

A carta, (baseada, por óbvio, nos dados conhecidos até aqui sobre a doença e sobre as consequências do lockdown, ou seja, algo devidamente embasado) aponta que o correto seria resguardar pessoas do chamado grupo de risco (idosos e pessoas doentes em geral), permitindo que pessoas com mais de 18 anos circulem (vivam) normalmente, estimulando a chamada “imunidade de rebanho”. Segundo os médicos/pesquisadores que assinam a carta, os isolamentos produzem, efetivamente, efeitos devastadores na saúde tanto

física quanto mental dos indivíduos (efeitos tanto de curto quanto de longo prazo).

De acordo com os mencionados pesquisadores, as consequências malélicas do lockdown farão ainda sentir-se pelos próximos anos, com mortes causadas direta ou indiretamente pelo lockdown estendendo-se no tempo. Destaque-se ainda que em sua opinião, “manter os alunos fora da escola é uma grave injustiça”.

Tanto é fato que o lockdown em nada interferiu na marcha inevitável da doença (como de resto outras doenças causadas por vírus, a Covid-19 só passará quando cumprir seu ciclo, quando a imunidade de rebanho se estabelecer, etc.) que, nos Estados em que a reabertura do comércio já deu-se de forma plena (fiquemos com o exemplo do Rio Grande do Norte) o número de casos e mortes pela doença cai dia a dia. Se era o isolamento que garantia o controle da doença, por que não há, agora, uma disparada no número de casos?

Nas primeiras semanas da pandemia, o argumento era de que o lockdown era necessário para diminuir a velocidade de transmissão da doença, “achatando a curva” (número de infectados *versus* tempo) a fim de evitar o colapso do sistema hospitalar, etc. Porém, o que viu-se em quase todas as grandes cidades do país, foram hospitais de campanha quase vazios ou que tiveram muito pouco uso (cumpriram, é claro, sua “missão” de servir como fachada para desvio de verbas públicas, etc.).

Um estudo da Universidade de Edimburgo (Escócia) no qual diversos cenários de lockdown foram examinados (isolamento voluntário, fechamento de escolas, etc.) constatou que o lockdown pode prolongar a pandemia, com fechamento de escolas podendo em verdade aumentar o número de mortes, visto que dificulta-se que se estabeleça a imunidade de manada (herd immunity) entre os mais jovens [5-7]. Ou seja, “na soma” de possíveis mortes empregando-se uma estratégia ou outra, fazer lockdown é pior do que não fazer. Ou ainda, embora no curto prazo o lockdown possa efetivamente diminuir o número de mortes pela doença, no médio prazo seu efeito é deletério, visto que com o prolongamento da epidemia em função da maior demora no estabelecimento da imunidade de manada, o número total de mortes, no final, pode ser maior do que sem lockdown. Duas conclusões desse estudo, e que podem parecer óbvias, mas que devem ser destacadas:

“The way out of any epidemic is herd immunity, which is when enough people in the population are infected that the virus can’t spread”.

“We need to focus on protecting older people who are going to be affected by coronavirus, not people who aren’t.”.

A idênticas conclusões chegaram pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco [8]. Os pesquisadores brasileiros concluíram que:

“A comparison between the daily Covid-19 deaths as projected from data before the implementation of restrictive

measures in Brazil and the number of deaths actually observed showed that **the increase in social isolation can be directly linked to 10.5% more deaths over the period of observation.** (grifo nosso).

REFERÊNCIAS

- [1] <https://coronavirus.jhu.edu/data/new-cases>.
- [2] M.G.F. de Souza, R.F. de Farias, Covid-19: Dados estatísticos, percepção da população, manipulação política e desinformação, Mens Agitat, vol. 15 (2020) 75-76 .
- [3] M.G.F. de Souza, R.F. de Farias, Covid-19: Da (in) eficácia do uso de máscaras: uma breve revisão, Mens Agitat, vol. 15 (2020) 142-144 .
- [4] Jornal Folha de São Paulo, em 07/10/2020. <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/mais-de-6000-cientistas-defendem-que-jovens-retomem-vida-normal.shtml>.
- [5] K. Rice, B. Wynne, V. Martin, G.J. Ackland, *Effect of school closures on mortality from coronavirus disease 2019: old and new predictions*, BMJ 2020;371:m3588 | doi: 10.1136/bmj.m3588.
- [6] Daily Mail on line, matéria de 7 de outubro de 2020 (matéria bastante completa, com gráficos, etc.). <https://www.dailymail.co.uk/news/article-8817075/Coronavirus-lockdowns-kill-herd-immunity.html>.
- [7] <https://www.ed.ac.uk/news/2020/shutting-schools-increases-covid-19-deaths-study-f>.
- [8] B.C. de Souza, F.M.C. de Souza, *Does Social Isolation Really Curb COVID-19 Deaths? Direct Evidence from Brazil that it Might do the Exact Opposite*, https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3706464.